

CRIAÇÃO E CRÍTICA

ANTOLOGISTAS EM SALA DE AULA: POR UMA PEDAGOGIA DO FAZER COLETIVO

Claudete Daflon¹

*Procuro simbiose, nunca o parasitismo
Desprezo a vassalagem e meço a dose
Autonomia, palavra qu'espanta!
Pois fazê-la de mantra é meta até a metamorfose
Hoje cedo, Emicida.*

Resumo: Pretende-se colocar em discussão experimentos de ensino de poesia brasileira contemporânea realizados no curso de Letras da Universidade Federal Fluminense, na cidade de Niterói-RJ, entre 2017 e 2023. As experiências com turmas de licenciatura envolveram a elaboração de antologias poéticas pelos/as estudantes, de início como instrumento de avaliação e, em turma de 2022.1, também como estrutura de curso. Diante do valor didático e do caráter normativo habitualmente atribuídos às antologias, buscou-se rever a instrumentalização pacificada desse tipo de publicação. Para esse fim, as experiências pedagógicas exigiram refletir sobre a sua constituição e função como material de apoio; tratar a antologia como objeto de apreciação crítica; incorporar a prática do antologista, em sua força criativa e crítica, à atividade docente; construir relações coletivas de trabalho com leituras compartilhadas e seleção de poemas; assim como explorar práticas editoriais implicadas na realização de coletâneas de poesia. No processo de leitura, seleção, organização e consideração crítica de obras publicadas recentemente por poetas brasileiros/as, o reconhecimento da parcialidade inerente a qualquer antologia permitiu desestabilizar a dimensão normativa, bem como explorar o potencial criativo do deslocamento da atuação como leitor/a em direção ao trabalho crítico como autor/a e vice-versa.

Palavras-chave: antologia; poesia contemporânea; mulheres; experimentação pedagógica; formação docente.

ANTHOLOGISTS IN THE CLASSROOM: FOR A PEDAGOGY OF COLLECTIVE MAKING

¹ Professora Adjunta de Literatura Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense. E-mail: claudetedaflon@id.uff.br

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Abstract: The aim is to discuss contemporary Brazilian poetry teaching experiments carried out in the Literature course at the Universidade Federal Fluminense, in the city of Niterói - RJ, between 2017 and 2023. The experiences with undergraduate classes involved the creation of poetic anthologies by the students, initially as an assessment tool and, in the class of 2022.1, also as a course structure. Given the didactic value and normative character usually attributed to anthologies, we sought to review the pacified instrumentalization of this type of publication. To this end, pedagogical experiences required reflection on their constitution and function as support material; treat the anthology as an object of critical appreciation; incorporate the anthologist's practice, in its creative and critical strength, into teaching activity; build collective working relationships with shared readings and poem selection; as well as exploring editorial practices involved in creating poetry collections. In the process of reading, selection, organization and critical consideration of works recently published by Brazilian poets, the recognition of the partiality inherent in any anthology made it possible to destabilize the normative dimension, as well as explore the creative potential of shifting acting as a reader in towards critical work as an author and vice versa.

Keywords: anthology; contemporary poetry; women; pedagogical experiment; teacher training.

Contextualização ou uma reflexão sobre a antologia

O presente texto constitui uma avaliação da trajetória, dos resultados alcançados e das questões levantadas por uma série de experimentos realizados no âmbito do ensino de poesia brasileira contemporânea no curso de Letras da Universidade Federal Fluminense, na cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro entre os anos de 2017 a 2023. Foram, ao todo, seis períodos durante os quais assumi a disciplina Literatura Brasileira IV, substituída posteriormente, graças a uma reforma curricular implementada em 2021, por Literatura Brasileira VIII – Literatura Brasileira Contemporânea (Estudos de Poesia)².

As experiências com turmas de licenciatura, particularmente as de Português/Literaturas, ainda que diversas entre si, tinham em comum a proposta de elaboração de antologias poéticas pelos/as estudantes, de início como instrumento

² Os semestres em que ministrei a disciplina foram 2017.1; 2017.2; 2018.1; 2019.1; 2022.1; 2023.1.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

de avaliação da disciplina e, no caso específico da turma de primeiro semestre de 2022, também como parte da estrutura do curso. O caráter didático atribuído à reunião de textos literários é bastante conhecido e, na história do ensino de literatura, esse tipo de publicação ocupa espaço importante. As coletâneas pressupõem um processamento pedagógico por meio da seleção, organização e sistematização de textos, o que define o que seria representativo e necessário ao aluno acessar para assegurar o cumprimento dos objetivos de uma dada disciplina. A funcionalidade desse tipo de dispositivo, quando se trata em particular de obras literárias contemporâneas, estaria em possibilitar que estudantes com baixo poder de compra e dificuldades de acesso a livros tivessem a possibilidade de entrar em contato com os textos³. Do mesmo modo, o caráter abrangente de unidades curriculares com vistas à “transmissão” da maior quantidade possível de conhecimentos em um determinado período torna estratégicos materiais didáticos dessa natureza. A mediação representada por uma antologia se justifica ainda quando as mídias sociais e formas digitais de difusão têm se tornado especialmente importantes para poetas e escritores em geral, visto que o volume e a fragmentação dos materiais disponibilizados podem ser especialmente desorientadores. Diante disso, soava plausível, em uma disciplina de 60h que pressupunha a apresentação de um conjunto considerável de poemas, optar por antologias como recurso para introduzir autores/as e obras. No entanto, me parecia bastante problemática a feição totalizante que, frequentemente, assumiam essas coletâneas, bem como a relevância que lhes era imputada quando publicadas por grupos editoriais conhecidos e/ou organizadas por compiladores/as renomados/as.

O valor canônico que muitas vezes as antologias assumem está indicado historicamente, no caso brasileiro em particular, no estabelecimento como referência para todo o país de listas de obras e seletas propostas no âmbito do Colégio Pedro II (Razzini, 2000). Ainda no século XIX, tratava-se da definição do que ler e do que não ler, bem como a consideração do que teria ou não valor literário. Lentes do colégio determinavam, assim, não só qual seria o modelo a seguir na educação básica da época, mas também o que constituiria leitura válida.

Logo, a adoção de coletâneas em práticas educativas atualmente só faz sentido se se dá sob uma abordagem capaz de exercitar e problematizar, a um só

³ Lembrando que as bibliotecas de instituições públicas têm muitas vezes dificuldades para manter um acervo atualizado, especialmente quando se trata de um montante de produção como aquele que se observa cotidianamente na publicação de poesia contemporânea.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

tempo, a antologia. Isso significa, portanto, explorar como o peso representado por editoras, críticos e escritores revela sistemas sociais e econômicos associados a formas de validação no meio literário. Certamente, assumir as antologias como referência sem submetê-las à interrogação seria ratificar essas formas de validação ou mesmo contribuir para a sua “naturalização”. Na experiência com minhas turmas de graduação, havia, ainda, a alternativa de não utilizá-las, mas esse posicionamento esbarrava no fato de que, como futuros docentes da Educação Básica, os/as licenciandos/as teriam permanente contato com o gênero, isso quando não tivessem eles/as mesmos/as que atuar como antologistas ao elaborar apostilas ou outras modalidades de material de apoio.

Cheguei, então, ao longo dos semestres, à conclusão de que não deveria ser um curso construído com o apoio ou a instrumentalização de antologias poéticas, mas que as tratasse como objeto de estudo. Diante da decisão de seguir esse caminho, o primeiro passo foi analisar com os/as estudantes os critérios e as propostas que teriam orientado um determinado antologista, o que exigia a leitura dos textos de introdução em que, normalmente, os/as organizadores/as costumam apresentar suas premissas e fundamentar as escolhas realizadas. Desse modo, buscou-se não somente situar a parcialidade inerente à seleção de textos, mas principalmente discutir como essa parcialidade não era em si um problema. Assumir o conhecimento como incompleto e subjetivo era condição necessária para o reconhecimento de que a questão a ser enfrentada estava, na verdade, na pretensa totalidade de processos parciais e sua ligação com sistemas de valor vigentes. Nesse sentido, merece especial atenção a contribuição de Paulo Freire, tanto quanto de perspectivas contemporâneas que contestam formas consolidadas de pensamento alicerçadas na modernidade/colonialidade, caso, por exemplo, de Édouard Glissant (2005) (2021).

Sob esse prisma, entendi ser necessário, na abordagem das antologias, promover uma leitura conjunta com as turmas que permitisse perceber o que determinava uma dada seleção, organização e apresentação dos poemas a fim de afirmar a parcialidade como algo inerente a esse tipo de publicação. Do mesmo modo, estabeleci de partida que não era pretensão abranger um grande número de antologias, mas avaliar a proposta daquelas às quais nos dedicássemos mais. De todo modo, como uma espécie de antologista de antologias, tendo em vista o caráter seletivo e não necessariamente representativo dos títulos selecionados, era importante esclarecer que eu estava ali compartilhando um recorte e um olhar entre os muitos possíveis.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Nesse sentido, trabalhamos duas antologias bastante conhecidas entre estudiosos/as e leitores/as da poesia brasileira na segunda metade do século XX: *26 poetas hoje*: antologia (publicação de 1975) e *Esses poetas*: uma antologia dos anos 90 (1998), ambas organizadas por Heloisa Buarque de Holanda. A abordagem crítica orientada por um recorte geracional e a possibilidade de contrastar as experiências realizadas com mais de 20 anos de diferença motivaram a escolha dos dois volumes. A leitura considerou, ainda, como o trabalho de compilação contribuiu, a despeito do desejo da antologista, para se estabelecer a ideia de que existiu uma geração de poetas dos anos de 1970, ainda que não houvesse, por parte dos/as escritores/as, um sentido de conjunto ou movimento. Além disso, com a retomada da iniciativa nos anos de 1990, mesmo ao se afirmar o caráter diverso da produção reunida, se ratificou a ideia de que havia gerações poéticas demarcadas por décadas.

Em diferença a esse modelo pautado fundamentalmente na cronologia e na circunscrição de um momento literário, foi trabalhado o foco crítico dado à antologia *Destino: poesia* (2010), organizada por Italo Moriconi. Se interessou ao antologista “a poesia surgida nos anos de 1970”, o aspecto que dirige as escolhas que faz pode ser descrito como a intensidade representada pela “Loucura das utopias – saudável. Loucura da vertigem – arriscada. Loucura da perda – travo amargo da saudade” (Moriconi, 2010, p. 10). Assim, o geracional é submetido ao crivo de uma concepção de vida/poesia, o que leva ainda Moriconi a buscar elencar as “características gerais dos poemas” numa lista de cinco itens, que incluem o uso da linguagem coloquial, a tendência ao poema breve, o tom de conversa (p. 15-16). É notável também o viés didático na linguagem empregada pelo autor, preocupado em utilizar um vocabulário mais “descontraído” e buscar uma proximidade com o/a leitor/a. Além disso, as considerações de Moriconi na introdução crítica à antologia propõem definir uma perspectiva historiográfica da literatura brasileira ao indicar a existência de uma “inauguração” ou origem da produção poética contemporânea: “Seja como for, o leitor e a leitora desta antologia estão convidados da conhecer ou revisitar cinco vozes *inauguradoras* da poesia contemporânea brasileira [...]” (2010, p. 19) (grifo meu).

A fim de contribuir ainda para a identificação de outras formas de organização, se propôs ler a introdução e alguns poemas da antologia realizada por Rodolfo Witzig Gutilla em 2009. Em *Boa companhia*: haicai, a forma do poema japonês serve de parâmetro para a seleção crítica tendo em vista, particularmente, a sua presença na poesia brasileira. Desse modo, o texto introdutório, sob o título de

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

“Haicai, haicais (ou como o mais importante poema japonês foi abrigado)”, Gutilla desenvolve uma apresentação didática que inclui o histórico do gênero e a descrição de suas características e variações. A finalidade, porém, da introdução é mostrar como, com a imigração japonesa, se estabeleceu uma prática particular e que se tornou recorrente entre poetas brasileiros. A esse respeito, o antologista afirma: “Pouco mais de uma década após a chegada dos primeiros imigrantes japoneses, caberá ao poeta, historiador e crítico literário Afrânio Peixoto fixar, em 1919, a forma do haicai à brasileira: três versos com cinco, sete e cinco pés, respectivamente, totalizando dezessete sílabas métricas.” (Gutilla, 2009, p.12). Preocupado em mapear ocorrências do gênero na poesia feita no Brasil, Gutilla não se restringe à produção “contemporânea”, o que justifica a inclusão de nomes como Guilherme de Almeida e Monteiro Lobato, e não se apresenta, portanto, como uma tentativa de demarcação de gerações de poetas.

Se a coletânea levada a cabo por Italo Moriconi mantém cruzamentos evidentes com *26 poetas hoje*, tendo em vista a recidência de nomes como Ana Cristina Cesar, Cacaso, Torquato Neto e Waly Salomão; Leminski é um nome comum ao conjunto de haicais proposto na antologia de 2009 e na seleção feita em *Destino: poesia* (2010). A análise comparada das antologias, bem como dos textos críticos que as apresentam, permitiu desenvolver uma discussão sobre as decisões tomadas e seus efeitos, inclusive no que diz respeito à atribuição de representatividade, no contexto mais geral da literatura brasileira, aos textos selecionados pelos compiladores.

Se a abordagem de antologias permitiu desenvolver discussões sobre o caráter parcial do processo de seleção, no dia a dia em sala, fui gradualmente compreendendo que, para que um exercício crítico sobre a antologia fizesse sentido para os/as alunos/as, seria conveniente exemplificá-lo. Em outras palavras, a reflexão decorrente das análises não pareceram ser suficientes para que os/as estudantes se sentissem à vontade em atuarem também como antologistas, o que me levou a incorporar a prática em minha própria atuação docente. Antes já era habitual que eu reunisse poemas para serem lidos em sala, hábito que trouxe da escola e busquei desenvolver. Em 2022, eu apresentei à turma uma série de pequenas coletâneas a partir de critérios e formas de apresentação diversos entre si. Num jogo de combinação, considerei aspectos como autoria; período histórico e cronologia; movimentos culturais e literários; projetos literários; temas; exercícios de linguagem poética; recortes de gênero, classe, raça, localização geográfica etc; ao mesmo tempo que propunha dispor numa mesma seleção os poemas de acordo

CRIAÇÃO E CRÍTICA

com modelos organizativos pautados em sequência temporal, temática, autoria, intertextualidade, núcleos e seções com aspectos comuns às obras transcritas, etc. A pluralidade de opções envolvidas no processo de montagem foi sendo assim apresentada como parte de um trabalho crítico que era tão criativo quanto pedagógico.

No entanto, o que se tornou incontornável, em sala de aula, foi a necessidade de tornar cotidiana uma experiência também de leitura marcada pelo prazer e pela subjetividade. Líamos e conversávamos de modo a considerar que também a recepção se operava de formas diferentes e que o prazer fazia parte desse processo. A minha intenção era desconstruir “mitos” e “reservas” comuns entre discentes no que dizia respeito ao texto poético: era frequente que alunos/as rejeitassem a poesia como algo de difícil compreensão e distante de sua realidade. Por outro lado, não houve dissolução do formato disciplinar, o que significa dizer que era um curso em que se requeria um número de aulas e a obtenção de grau mínimo para aprovação. O sentido de dever tem certamente implicações indesejáveis quando se trata de fruição, inclusive manter a estrutura disciplinar era, em certo grau, contraditório à proposta de retirar alguns “pesos” da leitura. De igual maneira, a leitura como instrumento de avaliação tem efeitos bastante negativos quando se trata de fruir.

Ainda assim, recorri à antologia como método de avaliação, daí, nas minhas primeiras experiências associadas às antologias, haver solicitado que fossem formados grupos para elaboração de uma seleta de poemas. A finalidade era propor um exercício em que se experimentassem mudanças de ponto de vista e interrelações derivadas desse deslocamento, isto é, que a condição de leitor se desdobrasse também na função de compilador de forma a estabelecer uma relação mais dinâmica entre a experiência leitora e crítica. Merece destaque, porém, que, quando perguntei se os/as alunos/as da turma de 2017, após finalizada a disciplina e já com as notas lançadas, queriam transformar o trabalho realizado em um pequeno livro artesanal, apenas três grupos responderam positivamente. Tendo em vista o limite de 2 a 3 alunos/as por grupo numa turma com 45 inscritos, o total de grupos formados ficou em torno de 17 e, por isso, me surpreendeu que apenas 3 grupos (8 estudantes ao todo) tenham demonstrado interesse em ver sua coletânea em formato de livro. A baixa adesão me fez ponderar se a proposta havia de fato funcionado para a média da turma ou se a produção do material foi encarada, em geral, apenas como parte da formalidade exigida para a obtenção dos créditos da

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

disciplina (atitude que, certamente, era preciso vincular à apresentação da atividade como uma avaliação).

Paralelamente, ao longo dos semestres subsequentes, foi ficando cada vez mais claro que analisar criticamente antologias, ler poemas em sala, exemplificar por meio do material de apoio processos combinatórios na seleção e organização de textos, assim como reduzir a atividade dos/as estudantes como antologistas a uma avaliação no final do curso, eram medidas insuficientes para criar nas aulas um espaço reflexivo, de fruição e compartilhamento. Ainda que houvesse sempre estudantes que respondessem bem à proposta, parte considerável da turma se mantinha alheia e preservava uma atitude burocrática. Ciente das minhas limitações de ação, as inerentes à minha própria prática e a fatores externos, resolvi fazer nova aposta em 2022, quando, após a quarentena forçada pela Covid-19, o retorno das atividades presenciais na universidade foi marcado por um melancólico esvaziamento do campus. Assim, em vez das turmas habitualmente cheias, fiquei responsável por um agrupamento de cerca de 15 alunos em um processo de transição que exigia combinar encontros presenciais e atividades remotas. Motivada, em parte, pela possibilidade de superar o distanciamento resultante da quarentena, entendi que o baixo contingente era propício para desenvolver um projeto em que não fosse necessário dividir a turma em grupos, o que possibilitava trabalhar com o conjunto total dos/as alunos/as. Meu propósito era converter a turma de graduação em um grupo de trabalho e discussão. A minha aposta era na construção de um coletivo, visto que, desde meu ingresso como docente na universidade, estava convencida de que era necessário construir laços de cooperação e solidariedade.

O espaço universitário, em desvantagem em relação à escola, é caracterizado por intensa desagregação. No campus reduzido, muitas vezes, a mero lugar de passagem, professores de um determinado instituto ou faculdade não costumam se encontrar; na verdade, não formam exatamente um grupo, pois prevalecem relações fragmentadas e individualizadas. Os colegiados são, normalmente, compostos por representantes ou são simplesmente setorizados, de modo que a tendência é não haver momentos de trocas que permitam aos/às docentes discutir práticas e realidades do cotidiano na sala de aula. Também o plano de estudos baseado em semestres letivos e em uma distribuição flexível de créditos não favorece a formação de grupos mais coesos de estudantes, embora ofereça a oportunidade de maior autonomia. Nesse contexto, eu acreditava que o trabalho docente deveria criar experiências distintas ao individualismo acentuado por relações pautadas no produtivismo e na competição. O processo educativo poderia, portanto,

CRIAÇÃO E CRÍTICA

desempenhar um papel estratégico no sentido de promover formas coletivas de organização e cooperação.⁴ Um retrato possível das experiências desenvolvidas, em sua heterogeneidade e não linearidade, me parece ser a imagem de um móbile, cuja representação bidimensional busca evocar a existência tridimensional e dinâmica própria a esse tipo de construção [Fig. 1].



Fig. 1 – Móbile que ilustra as experiências desenvolvidas desde 2017 em torno da antologia.

4 Essa percepção se consolidou para mim em 2018, com a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais no Brasil. Na ocasião, me vi impelida a realizar um “giro” na minha trajetória como educadora e pesquisadora, uma vez que compreendi não ser possível “ensinar” literatura sem que envolvesse uma atuação ética. A linguagem não é um em si, a linguagem ganha significação e potência nas relações sociais, nos modos de viver e agir, nos significados que lhe são atribuídos, ao mesmo tempo que é uma materialidade.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

Entendi haver, em 2022, condições favoráveis ao desenvolvimento de um trabalho conjunto que redundasse em um projeto editorial. Por isso, passei a conduzir as aulas em um espaço destinado a reuniões a fim de evitar a disposição tradicional da sala de aula. Para agir como se fôssemos um grupo de trabalho, era interessante dispor de um espaço que convidasse a isso e construir um curso em que estivéssemos envolvidos, como coletivo, em uma tarefa. Em 2024, o processo gestado durante as aulas de Literatura Brasileira VIII entrou em sua etapa final com a publicação da antologia produzida pela turma de graduação do primeiro semestre de 2022. Agora é tempo para avaliar e refletir sobre o que foi realizado.

Sobre a publicação como atividade pedagógica: estudantes antologistas

A antologia *Mulher fala o que quiser*, elaborada por estudantes de Português-Literatura durante o segundo semestre 2022, veio a público em agosto de 2024 pela editora Pangeia em parceria com a EDUFF (Editora da Universidade Federal Fluminense) graças a edital do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF (trata-se de linha editorial intitulada Coleção Literatura, Docência e Escola)⁵. Tornada possível graças a recursos públicos, a obra circulará como e-book de acesso livre. No entanto, é preciso ressaltar que, no contexto das práticas que vêm sendo desenvolvidas, a publicação formal de um livro compreende uma situação de excepcionalidade, ou seja, não se pretende que a cada curso seja efetivamente lançado um livro no mercado editorial. Esse não é o fim último da atividade. Na verdade, *Mulher fala o que quiser* não constitui exatamente uma antologia, antes é a publicação de uma proposta de atividade pedagógica. O propósito de compartilhar uma experiência, que se encontra registrada como processo e resultado ao mesmo tempo, busca contribuir para a renovação de práticas de ensino de literatura assim como representa a possibilidade de exposição pública de um trabalho que pode (e deve) ser transformado e reelaborado. Em outras palavras, submeter uma proposta pedagógica a olhares diversos pode levar à própria transformação da atividade apresentada, inclusive no seu desenvolvimento no espaço em que foi originalmente apresentada.

5 O e-book de acesso gratuito (em formato epub ou mesmo em pdf) está disponível em: <https://editorapangeia.com.br/product/mulher-fala-o-que-quiser-claudete-dafilon-org-poetas-brasileiras-contemporaneas-pdf-epub/>

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Em suma, ainda que *Mulher fala o que quiser* possa ser lida meramente como antologia escolar caracterizada por uma reunião de poemas feitos por mulheres no Brasil contemporâneo, o que se está publicando é, sobretudo, a experiência em sala de aula que gestou o livro. Ainda como antologia, a recepção do livro pode lhe conferir uma pretensão de representatividade que não se almejou de fato ao longo de sua realização, como se procurou esclarecer na redação dos textos críticos inclusos no volume. Já o caráter pedagógico, explicitado na exposição inicial que escrevi sob o título “Antologia: um exercício crítico”, está na estrutura mesma da antologia.

As biografias dos agentes envolvidos na realização do trabalho situam um conjunto formado por poetas e estudantes, artista e professora. Nomes, fotos e percursos dão realidade àqueles/as que participaram em alguma medida da elaboração do livro, numa tentativa de evitar a autoria abstrata configurada como autoridade inatingível. Inversamente, se abre a possibilidade de identificações entre prováveis leitores/as e autores/as, intento ratificado pela disponibilização de canais de contato que tornam acessíveis os/as que dão rosto e forma à publicação. Sob esse prisma, o livro se apresenta como resultado de uma rede solidária de ações na qual se observam diferentes modalidades de participação enquanto são acionados públicos-alvo múltiplos. De fato, o volume pode ser lido tão somente como livro paradidático na Educação Básica, mas pode ser tratado como material crítico ou objeto de reflexão crítica na licenciatura em Letras, assim como reflexão e proposta pedagógica a ser desenvolvida tanto na escola quanto na universidade. Essa é a particularidade de *Mulher fala o que quiser*: a um só tempo, registro e resultado de uma experiência educacional.

Se as atividades pedagógicas que levam à criação de antologias não exigem uma publicação formal, pode ser, porém, extremamente rico um exercício editorial *in loco*. Em experiência desenvolvida em 2017, a realização de um processo artesanal e localizado de editoração gerou resultados muito interessantes [Fig. 2].

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

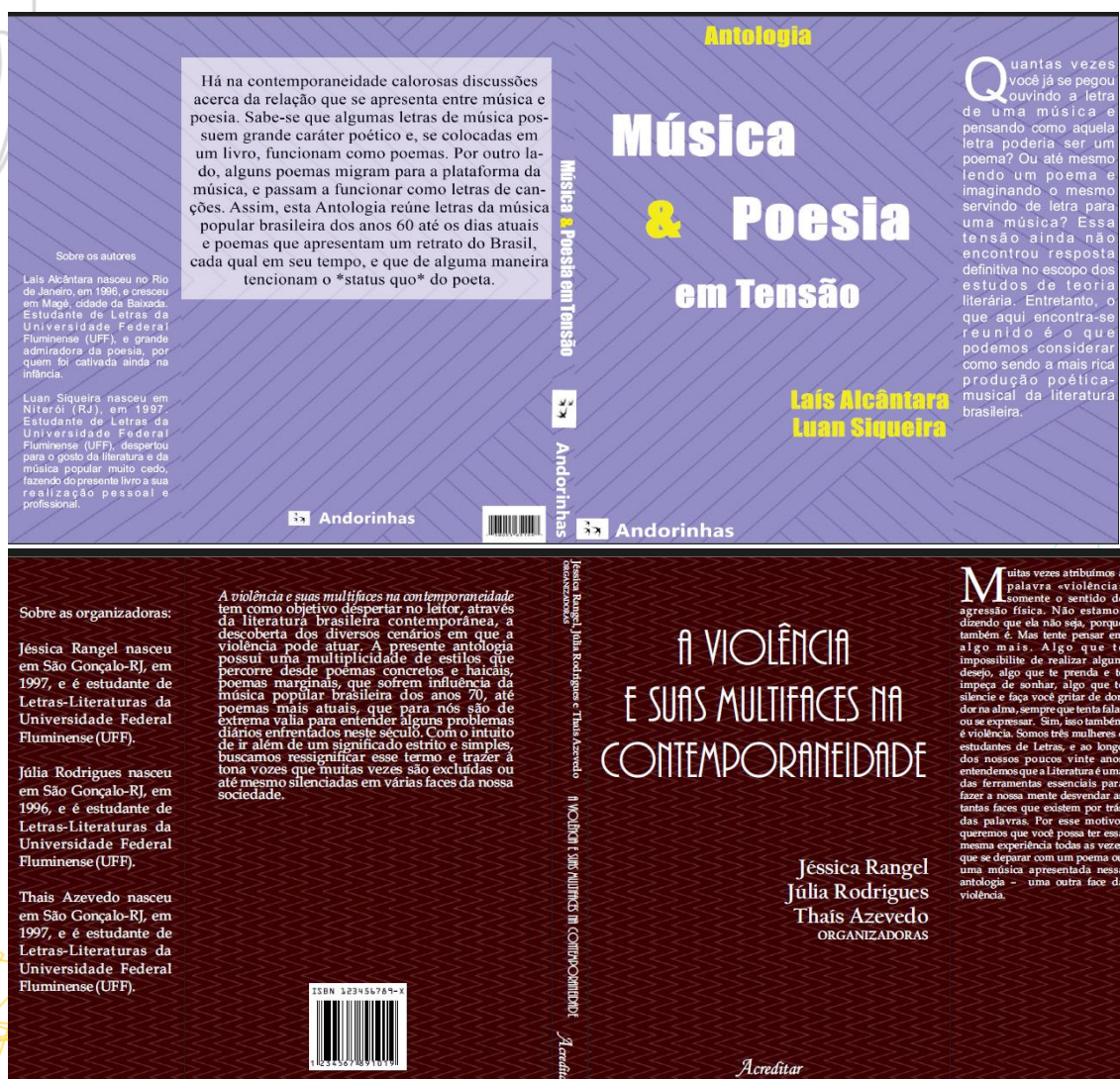


Fig. 2 – Propostas editoriais elaboradas por estudantes do curso de Licenciatura em Português/Literatura da UFF no ano de 2017.

A simulação dos procedimentos de confecção de um livro foi possível graças à ajuda de uma doutoranda do Programa de Estudos de Literatura da UFF em estágio docência que possuía formação em editoração e atuava profissionalmente no mercado editorial. Após aprenderem sobre a arquitetura do livro, cada grupo criou um selo editorial e construiu o que seria um objeto.

O comprometimento e o interesse demonstrados pelos grupos que aceitaram participar de um processo “editorial” viabilizaram a organização de uma mesa de

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

debate com o “lançamento” dos livros durante a Feira de Livros do Instituto de Letras da UFF de 2017. Na Fig. 3, encontra-se a descrição dessa atividade realizada à época sob o título *Esses antologistas*.

Atividade: **Esses antologistas**

Bases da proposta

A atividade que ora se propõe deriva de trabalho desenvolvido junto aos alunos de graduação na disciplina Literatura Brasileira IV no primeiro semestre de 2017. No curso cuja ementa compreendia o estudo da poesia brasileira contemporânea, consideraram-se aspectos relacionados à produção, difusão e recepção da poesia no Brasil de hoje. Nesse sentido, foi proposto aos alunos que elaborassem uma antologia de poemas a fim de estimular que o estudante construísse um repertório próprio de leituras e desenvolvesse trabalho crítico que envolvesse processos de seleção, sistematização e ordenação da produção literária. Uma vez que as relações entre crítico, editor, mercado, poeta e leitor não puderam ser ignoradas, desenvolveu-se reflexão sobre a antologia como forma de divulgação da produção poética, estímulo à leitura ou mesmo orientação para leitores iniciantes de poesia (graças precisamente ao tratamento crítico que supõe); ao mesmo tempo em que, todavia, considerou-se possível também entender que, sob a chancela da autoridade do crítico, esse tipo de coletânea contribui para a instituição do cânone, a concepção da leitura de poesia enquanto atividade obrigatoriamente pré-orientada, com feição pedagógica ou mesmo escolar. A tarefa de se tornarem antologistas mostrou-se ser um desafio aos estudantes, que tiveram que enfrentar os aspectos controversos implicados na reunião de poemas em livro.

Diante disso, para integrar a programação da Feira de Livros do Instituto de Letras, propõe-se a exibição de um vídeo sobre os estudantes envolvidos na tarefa de produzir uma antologia e uma mesa de debate composta por representantes dos pontos de vista do poeta, do editor e do antologista.

Descrição da atividade

Organizadoras: Claudete Daflon (Professora de Literatura Brasileira – UFF) e Clarice Goulart (Doutoranda em Estudos de Literatura – UFF)

Data e horário: dia 21 de setembro de 2017 (5ª feira), das 16h às 18h.

1. Exibição do vídeo “Esses antologistas”.
2. Mesa de debate:
 1. Paula Glenadel é poeta e professora da Universidade Federal Fluminense. Publicou os livros de poesia *A vida espiralada* (1999), *Quase uma arte* (2005) e *Fábrica do Feminino* (2008). Quase uma arte foi livro finalista do prêmio Jabuti 2006 e do Prêmio Literário Portugal Telecom 2006.
 3. Daiane Cardoso foi colunista da *Capitolina* entre os anos de 2013 e 2015, onde escreveu sobre artes, livros e vivência negra. Graduada em Produção Editorial pela Eco/UFRJ, trabalha como editora. Organizou o livro *Sonhei*, no qual reúne poemas de Maria Carolina de Jesus e outras escritoras negras.
 4. Phellipe Marcel Esteves, professor da UERJ, tem longa experiência com edição de livros. Recentemente organizou o ebook *Hoje acordei pra lutar*: intelectuais pela universidade pública. Composto por artigos de professores brasileiros e estrangeiros, o livro conta com nomes como Maud Chirio e Noam Chomsky.

Fig. 3 – Proposta apresentada ao Instituto de Letras da UFF para desenvolvimento de mesa de debate e lançamento das antologias produzidas pelos alunos (2017).

A expertise de Clarice Goulart foi, sem dúvida, fundamental para os resultados alcançados, como deixa claro o material final elaborado, bem como os produtos digitais como o vídeo realizado a partir dos relatos dos alunos/as

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

envolvidos/as no projeto. De fato, a doutoranda e Bruna Freitas, esta última graduanda à época e uma das antologistas do projeto, deram a feição final ao curta de formato documental, que contou com entrevistas e depoimentos dos/as integrantes dos grupos que aceitaram apostar na publicação. O vídeo foi publicado em canal do YouTube (https://youtu.be/XrkMg_weuJ8?si=osVBVb_Uz0vb8LUk) [Fig. 4] e exibido no debate com convidados durante o evento realizado na Feira do Livro do Instituto de Letras da UFF.



Fig. 4 – Estudantes de Licenciatura participantes do projeto *Esses antologistas* (2017). Fotografamas do vídeo realizado por Clarice Goulart e Bruna Freitas.

A mesa foi também divulgada em página no Facebook (<https://www.facebook.com/events/827186807457755/>) [Fig. 5] e como debatedores estiveram presentes na condição de poeta Paula Glenadel, como profissional de editoração Daiane Cardoso e como pesquisador da área Phellipe Marcel.

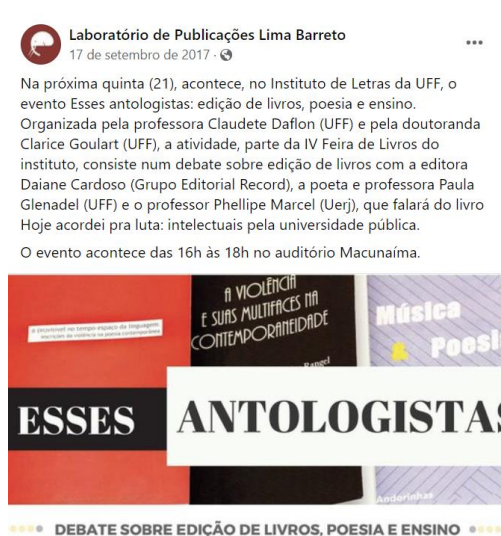


Fig. 5 – Replicação de postagem no facebook para divulgação do evento *Esses Antologistas*.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Quanto aos/às estudantes envolvidos/as no projeto, eles/as relataram que se sentiam muito contentes e nunca haviam imaginado que seriam capazes de realizar um trabalho como aquele. Para o lançamento, foi gerada cópia impressa colorida encadernada de cada uma das antologias. Apesar de não se tratar formalmente de um livro com ISBN e distribuição em livrarias, o comportamento e a adesão à proposta, nesses casos, indicaram que houve também um sentimento de “autorização” por parte dos/as antologistas como leitores críticos de poesia e como autores/as. O trabalho criativo na elaboração da capa e das outras partes constituintes de um livro, inclusive com a criação de um selo editorial fictício, contribuiu para a sua autopercepção como autores/as e, conseqüentemente, leitores/as habilitados/as. Esse processo de sentir-se autorizado é especialmente relevante num contexto em que nos habituamos a considerar que algumas esferas culturais, como a literatura, são próprias a grupos sociais privilegiados, isso se faz acompanhar, seguramente, de uma concepção que restringe o literário a um sistema de valor socialmente estabelecido. Em outras palavras, o mundo de “gente que escreve e publica livros” aparece eloquentemente distante daqueles/as que vivem em ambientes em que o livro é escasso e a possibilidade de escrever-publicar sequer é considerada. Essas distâncias, assinaladas nos resultados obtidos pela pesquisa conduzida por Regina Dalcastagnè (2012) em estudo bastante conhecido, são importantes para definição de “lugares” e “papéis” que envolvem estudantes que, trabalhadores/as e/ou de origem periférica, ingressam em cursos de licenciatura. O professor de educação básica, profissão evitada pelas classes médias e as elites brasileiras, é atividade profissional importante para as famílias que veem na formação universitária a possibilidade de um novo horizonte socioeconômico. As hierarquias estabelecidas entre docentes da Educação Básica e do Ensino Superior, entre docentes e pesquisadores/as, entre estes/as e escritores/as vão construindo uma pirâmide em que os que se sentem relegados à base veem ratificada a não autorização com que conviveram ao longo da vida. A necessidade de entrada imediata no mercado de trabalho, a ausência de motivação ou recursos para realizar mestrado e doutorado reforçam ainda mais essas distinções. Paralelamente, os próprios docentes multiplicam as diferenças de valor dentro de sua própria profissão (entre anos escolares e estágios, colégios, áreas geográficas de atuação, disciplinas ministradas...) enquanto os professores universitários buscam com constrangedora frequência minimizar seu papel na docência. Compreendo que a desqualificação da profissão docente tão presente no

CRIAÇÃO E CRÍTICA

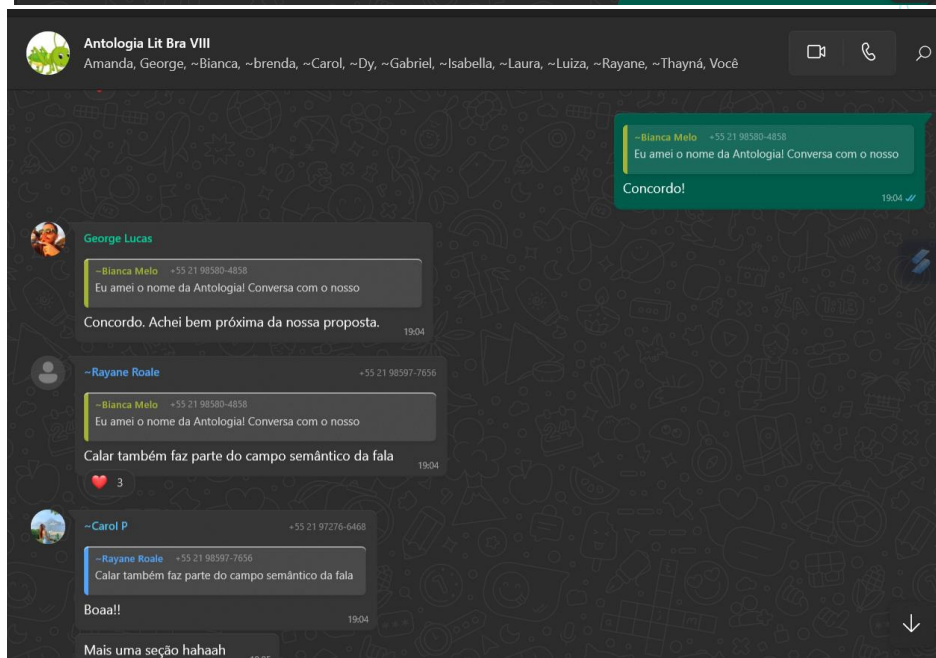
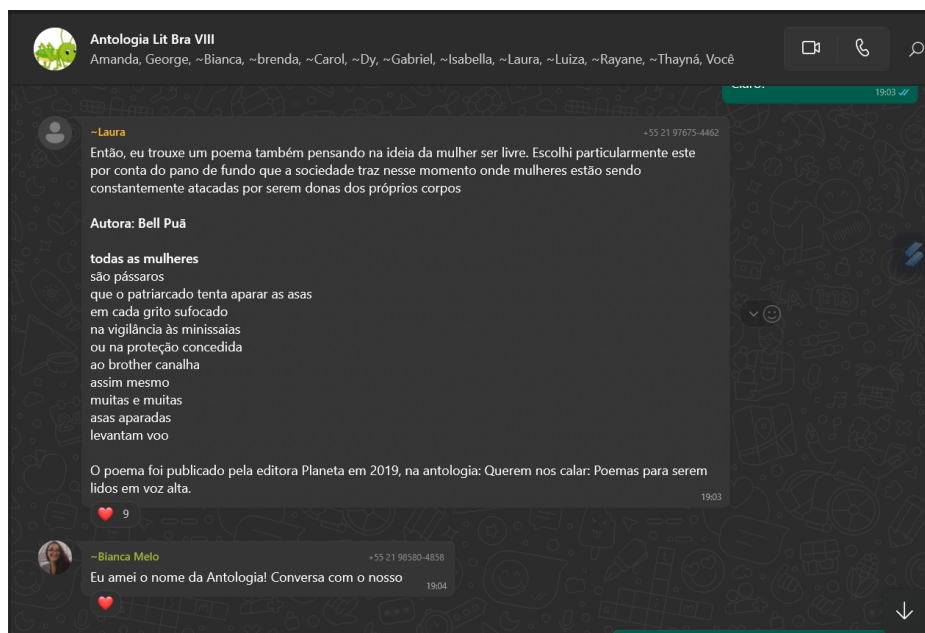
40

cotidiano dos cursos de licenciatura está associada a escalas de valores sociais que desautorizam grupos da sociedade a atividades constituídas como marca de classe.

Por esse viés, a experiência pedagógica com antologias deve se fundamentar na desconstrução das hierarquias implicadas em processos de seleção de textos representativos do que melhor se produzira em determinado contexto. Certamente, a experimentação com o processo editorial pode contribuir nesse sentido, tornando próximo o que pode parecer, a princípio, muito distante para alguns. Os/as estudantes que optaram por participar do projeto tinham perfis distintos como as entrevistas dão a ver, no entanto, em seus relatos, parecem ter em comum a experiência de descoberta do que é possível fazer. O engajamento, porém, à atividade pareceu resultar de uma atitude interessada que precedia às aulas e que o projeto apenas alimentou. Ou seja, o projeto não necessariamente provocou interesse em conhecer ou fazer algo no ambiente universitário, mas estimulou aqueles que já manifestavam algum desejo nesse sentido.

Quando se trata de pensar a experiência de incorporação da atividade à própria estrutura do curso, como se propôs fazer no primeiro semestre de 2022, o projeto assim encaminhado, apesar das dificuldades e limitações enfrentadas, tornou possível uma atuação mais conjunta. O formato híbrido, num momento de transição e de retorno a atividades presenciais após a pandemia de Covid19, permitiu associar o uso da sala de literatura brasileira a recursos como o Classroom, aulas síncronas por meio da plataforma e o uso do WhatsApp. Propus que uma das aulas remotas, mais precisamente no dia 01 de julho de 2022, acontecesse por essa mídia social. A proposta visou a experimentar como funcionaria um “encontro” em que debatêssemos os poemas em uma mídia que, diferentemente da transmissão em vídeo, não comportava um monólogo e todos/as precisariam participar, inclusive “votando” por meio de curtidas se o poema deveria ou não ser incluído na coletânea [Fig. 6].

CRIAÇÃO E CRÍTICA



CRIAÇÃO E CRÍTICA

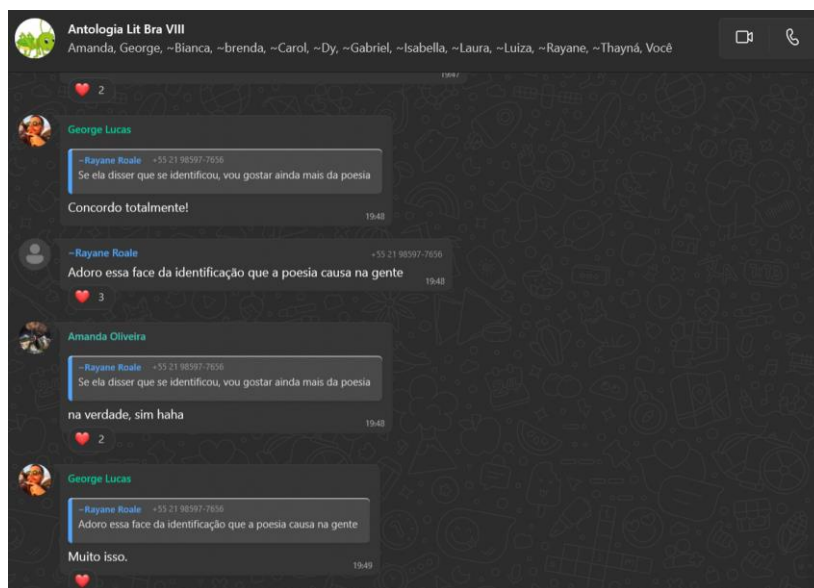


Fig. 6 – Print de tela de trechos do encontro via whatsapp realizado em 02/07/2022.

A ideia de diversificar os meios não correspondia, porém, a uma tentativa de “inclusão” do mundo digital dos estudantes em um meio que funciona em grande parte com recursos pré-digitais. Na verdade, se os ambientes educacionais precisam se relacionar com a vida cotidiana daqueles/as que os frequentam, também devem representar a oportunidade de acesso àquilo que não faz parte de experiências massivas. O objetivo é, portanto, a diversificação, a observação das diferenças, de limites e possibilidades. O uso do WhatsApp, na experiência de julho de 2022, permitiu uma maior horizontalidade da participação, assim como os/as presentes, habituados/as à atenção permanente de leitura e à comunicação rápida exigida por essa mídia, pareceram mais concentrados/as no processo da aula. E o mais importante: eles/as sentiram isso. Por outro lado, se foi possível incluir pessoas que não poderiam estar no campus no horário programado para o encontro, nem todos/as tinham boas condições de conexão.

Apesar de não ter sido desenvolvida a confecção do objeto livro em si como ocorreu em 2017, a atuação dos/as estudantes incluiu a preocupação com a materialidade do volume final. Isso está evidente, por exemplo, na preocupação em apresentar uma capa provisória [Fig. 7].

CRIAÇÃO E CRÍTICA



Fig 7 – Versão provisória da capa proposta pelos/as estudantes.

Nos estágios posteriores às aulas, por meio da comunicação via WhatsApp, surgiu o interesse em investir de fato em uma capa “mais profissional”. Sugerir então que considerassem a obra da artista Laura Freitas, de Niterói. Os/as estudantes se interessaram especialmente por um dos trabalhos de uma série que, conforme seu entendimento, expressava exatamente o que queriam com a antologia e refletia o título que escolheram. A partir da imagem cedida pela artista, desenvolveram uma proposta de capa para a antologia [Fig. 8].

CRIAÇÃO E CRÍTICA



Fig. 8– Proposta de capa realizada a partir de imagem cedida pela artista Laura Freitas (Estudos de língua, da série *Estudos de Língua*, 2018 – grafite sobre papel – 42 x 29,7cm).

Dentre as dificuldades experimentadas, está a demora previsível na obtenção de recursos para publicação, o que levou ao esgarçamento da participação do grupo de alunos/as. Apesar de a dispersão ser perfeitamente justificada pelo afastamento natural ao fim das aulas e pelo longo intervalo entre a atividade e uma resposta positiva sobre o financiamento da publicação, a resistência exigida pelas novas condições tornou evidente a existência de um engajamento parcial com a proposta de publicação. Convém observar que a participação, ao longo dos encontros e atividades realizadas durante o segundo semestre de 2022, foi parcial; isto é, nunca houve uma adesão massiva da turma, ainda que esta contasse com poucos inscritos. Havia inegável intermitência na frequência e as pessoas mais envolvidas constituíam um subgrupo de cerca de seis a sete alunos. Se essa oscilação na frequência e participação pode ser resultante de fatores diversos e, muitas vezes,

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

externos à dinâmica das aulas⁶, não tenho informações para indicar com segurança se a adesão alcançada pode ser considerada um bom resultado.

Após o fim das aulas, mantivemos contato via grupo de WhatsApp a fim de viabilizar a finalização do projeto conforme o planejado. Porém, os/as participantes passaram a responder cada vez menos e efetivamente contribuíram na revisão e ajustes finais do original apenas cerca de três alunos. A maioria deixou de responder às mensagens na maior parte do tempo, ainda quando já estávamos na etapa final de editoração e precisávamos apenas dar o “imprima-se”. A resposta parcial, intermitente e a adesão irregular me levou a fazer algumas perguntas.

Talvez a mais importante possa ser assim resumida: *“Em que medida a publicação de um livro era um desejo meu, resultado do sistema de valores em que me insiro, da minha experiência pessoal e profissional?”* Isto é, se se confirma o projeto como um desejo da docente e não dos discentes, é possível imaginar que a turma, de um modo geral, tenha apenas atendido às solicitações da professora. Ou seja: a publicação não constituía, de fato, algo relevante para parte dos/as estudantes? Além disso, o que significava atender à solicitação de selecionar poemas quando se tinha acesso restrito aos textos? E como, mesmo que se tenha acesso aos textos, é possível conferir importância a um trabalho de disciplina que se converte em publicação? Como agir diante do contraste entre o mundo em que o livro é um valor socioeconômico e a vida cotidiana de estudantes que trabalham e vivem uma realidade de precariedade?

A avaliação que aqui esboço, é preciso dizer, não foi construída coletivamente, o que lhe confere evidentes limites. Ela resulta, na verdade, do ponto de vista da docente proponente da atividade e tem por objetivo reelaborar e compartilhar/compartilhar e reelaborar com outros/as profissionais empenhados/as em desenvolver práticas pedagógicas mais adequadas à realidade educacional.

6 São exemplos dos obstáculos à regularidade de frequência entre estudantes do curso noturno da Letras da UFF: as longas jornadas de trabalho; a dificuldade, em horários mais adiantados, de transporte para aqueles/as que moram em áreas com circulação limitada de ônibus, principal transporte público que liga Niterói a regiões adjacentes extremamente populosas como o município de São Gonçalo; o esvaziamento do último horário da noite de sexta-feira, tendo em vista que muitos/as estudantes vivem em cidades mais afastadas do estado do Rio de Janeiro e, com frequência, permanecem durante a semana em Niterói para retornar para suas casas ainda na própria sexta; longos engarrafamentos de carros que se dirigem às praias da Região dos Lagos na noite que antecede finais de semana e feriados, tornando particularmente ruim o deslocamento de Niterói para os municípios situados na chamada Rio-Manilha ou BR como costumam chamá-la os/as alunos/as, etc.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Essa preocupação, a meu ver, se reveste mais agudamente de sentido quando se trata de formar professores/as que atuarão na Educação Básica, na rede pública e/ou privada de ensino.

Referências

DAFLON, Claudete. "O ensino da literatura na escola: vida e contemporaneidade". In: *Leitura, fruição e ensino: a formação do leitor em debate*. V. 1. Niterói: SSP Gráfica Editora, 2017. p. 33-48.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea: um Território Contestado*. São Paulo: Editora Horizonte, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 57 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Trad. Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GUTILLA, Rodolfo Witzig. "Haicai, haicais (ou como o mais importante poema japonês foi abasileirado)". In: GUTILLA, R. W. (org.). *Boa companhia: haicai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.7-22

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. "Introdução". In: HOLLANDA, H. B. de (org.). *Esses poetas: uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1998. p.9-24

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. "Introdução". In: HOLLANDA, H. B. de (org.). *26 poetas hoje*. 2 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998. p.9-14

MORICONI, Italo. "Apresentação". In: MORICONI, Italo (org.). *Destino: poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.



CRIAÇÃO E CRÍTICA

RAZZINI, Maria de Paula Gregorio. *O espelho da nação: a Antologia Nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)*. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2000.

Submetido em: 30/09/2024

Aceito em: 04/11/2024

